



RelevO **02/17**
n.6 a.7 PR

Assine a Enclave, nossa newsletter,
acessando <jornalrelevo.tumblr.com>

Editorial

Um jornal de papel precisa chegar nas mãos do leitor, de preferência sem custo ou a um custo honesto. Um jornal de papel precisa convencer o leitor de que ainda faz sentido parar e ler um jornal de papel, um certo aglomerado de palavras de um mês em evolução – e ainda pagar uma determinada quantia pelo processo, quando for o caso. Um jornal de papel justifica-se quando aquilo que entrega em seu paginário é maior do que um somatório desatualizado de caracteres em fonte entre 8 e 12. Um jornal de papel precisa ter espírito, singularidade, algo de furta-cor, de reinvento, de grito, de capacidade de desmonte, de provocação. Um jornal de papel não pode compactuar com a frialdade da vida, ser uma emissora deslocada do tempo, um implante lógico. Um jornal de papel não precisa de todos os fotogramas ou abarcar todos os sonhos, tropel para todas as vozes de um conflito – não dá. Um jornal de papel precisa de um modo de interpretar o mundo que não afaste aqueles que não são inferno. Um jornal de papel é forma de ser, estar e permanecer. Precisa-se, também, de uma comunidade para provocar e ser provocado, flexionado. Um jornal de papel não pode deixar de reconhecer suas fraquezas, de apresentar seus erros, de discutir suas dificuldades, de não ser indulgente. Um jornal de papel não pode aceitar ser vítima, a

íntegra de um desencanto, inação. Um jornal de papel, acima de tudo, pode reunir uma determinada escala de paixões com o compromisso vital de se divertir. Nós do RelevO, com toda a nossa trajetória de excessos e destituições, apenas pensamos em um bom jornal nas mãos do leitor. Somos 24 páginas de puro Loco Abreu no Bangu.

Uma boa leitura a todos.

Onde

No Rio de Janeiro, Rio quarenta graus, cidade maravilhosa, você pode encontrar o **RelevO** nos seguintes locais: Arlequim – Letra Viva Filial Livraria Berinjela – Livraria e Edições Folha Seca – Livraria Instante do Leitor. Nas palavras de Bruno de Luca, IRADO!

Erratas

Na edição de janeiro, erramos a grafia do autor Daniel Perrone Ratto. Conseguimos destituir um t. Desculpas, muitas desculpas.

Em um longínquo agosto de 2016, não publicamos corretamente a tradução de um poema de Jim Morrison. Na próxima edição, o poema será na íntegra, sem falhas do editor.

“Como faiz?”

Escreva para contato@jornalrelevo.com e assine o impresso independente que mais faz a cabeça da galera!

E, em tempos hiperconectados:

[instagram.com/jornalrelevo](https://www.instagram.com/jornalrelevo)
[facebook.com/jornal.relevo](https://www.facebook.com/jornal.relevo)
twitter.com/jornalrelevo
jornalrelevo.tumblr.com

Quem mais

A capa e as ilustrações internas dessa edição são de autoria de Henrique Martins.

<www.lacuna.com.br>.

Por que

Há muitas razões para anunciar no **RelevO**. Nossos anúncios são bonitos, feitos por artistas plásticos de coração bom e que atravessam na faixa.

Custam pouco – entre 50 e 100 reais – e o anúncio é visto por 3.500 leitores no impresso e aproximadamente 12 mil na edição online. Além de tudo, sua empresa ou empreendimento pessoal auxilia a nos manter independentes e longe dos precatórios.

Anunciar aqui é simples *demais*. Como sempre, basta entrar em contato por email ou enviar sinais de fumaça.

Quem

Editor Daniel Zanella
Editor-assistente Mateus Ribeirete
Ombudsman Silvio Demétrio
Revisão Mateus Senna
Projeto Gráfico Marceli Mengarda
Impressão Gráfica Exceuni
Tiragem 3.500

Edição finalizada em 31/01/17

Quanto

Assinantes: R\$ 50 Enio Vermelho Jr.; Moacir Armando Xavier; Joseani Netto; Enrico Boschi; Mariana Franco Ramos; Dani Meriko; Selma Becker; Greicy Bellin; Niura Casemiro; Lilian Frabetti; Dalmo Borba; Wesley Ferreira; Sandro Moser; Felipe Vianna; Hertz Wendel de Camargo; Afonso Caramano; Ana Krüger; Munique Duarte; Rafael Gonsalves; Alanna Camargo; Rafaela Sindorski; Paulo Vallim; Maria Isabel Bordini; Suzie Franco; Ellen Maria; Amanda Arruda; Daniel Glir; Fernando Mad; Cid Brasil; Vanessa Porfírio; Adilson Gonçalves; R\$ 30 Daniel Perroni Ratto (total: R\$ 1.580)

Anunciantes: R\$ 300 Allejo; R\$ 200 Editora Penalux; R\$ 150 Bruno Meirinho; R\$ 80 Corso Brancalone; R\$ 50 Farmácia Ehlkefarma; Fisk; Toda Letra; Estação Brasil; Loterias Avenida; Avon; Livrarias Joaquim (total: R\$ 1.080)

Gráfica: R\$ 1.100,00 / Site: R\$ 70
Distribuição: R\$ 250,00
Assinantes: R\$ 425,00 / Papelaria: R\$ 80

Custos totais: R\$ 1.925

Receita total: R\$ 2.660

Balanço de jan. 2017: R\$ 735

fevereiro de dois mil e desapegue

ISSN 2525-2704

fundado em set./2010

ainda dá tempo de fazer trocadilho ruim com o ano?

Cartas do Leitor

AINDA OS RUSSOS

Nanna Ajzental hahaha os poemas russos ♥

QUE BOM QUE TODO DIA VAI SER SEMPRE ASSIM

Mitsuo Florentino Só ontem que eu consegui ler o **RelevO** de janeiro! Estava fantástico, adorei o trabalho da Denise Duhamel. As traduções da Julia Raiz & cia estão muito bacanas, sério.

Gustavo Martins Sensacional o texto do miolo do **RelevO** de dezembro em epígrafe, que faz uma notícia ucrônica da partida que não aconteceu. Parabéns!

Felipe Belão Encontro o **RelevO** em mil lugares. O jornal é lindo! Abraços a todos.

Walter Bach Quando vocês publicam essas dicas de marketing eu quase acredito na chance remota de ter mentirosos de estimação.

Munique Duarte Nessa correria toda de depositar os 50 reais, esqueci de dizer que a edição de dezembro foi uma das melhores de todos os tempos! Sempre leio que vocês se consideram nadadores contra a maré por fazerem jornal impresso de literatura. Acho que o impresso ainda tem o seu lugar e existirá em certos 'nichos' por muito tempo. Abraços! Até mais!

Marcella L. Guimarães Parabéns!! **Escobar Franelas** Putz, eu já tinha ouvido elogios ao **RelevO**, mas, lendo suas páginas pela primeira vez, degustei e gostei de tudo – tudo mesmo! –, inclusive encontrando um texto de uma poeta que conheci recentemente e muito admiro: Claire Feliz Regina. Saudações!

Maria Eugênia Dela Rosa Cara, eu adoro as coisas que o Bolívar Escobar escreve (também conhecidas como textos, dependendo do ambiente inserido).

João Henrique Balbinot Furtado Comecei a ler o jornal desse mês... Foi bastante inusitado ver meu comentário nele. A edição está ótima. Ler jornal é sempre um tanto quanto regressivo. Mas a alegria de ler o **RelevO** é não precisar pular nervoso pra parte que interessa, folhando intolerâncias, porque tudo é lírica. Gratidão.

Ellen Maria Vasconcellos Chegou minha primeira correspondência do ano. A primeira que chega na minha casa nova (que não seja conta pra pagar): o jornal literário **RelevO**, de janeiro. E olha a primeira página! Das coisas que mais tenho feito na vida depois de comer: ler e correr.

UÉ?

Sissa Stecanella Feliz 2017! Não queria começar o ano reclamando, mas ainda não recebi o **RelevO** de janeiro aqui em casa.

Da redação: Nós começamos o ano

sendo bom pra nós e para os assinantes, Sissa. Mandamos o jornal no dia 3 de janeiro pra usted. Mas mandaremos outro exemplar.

Ana Krüger recebi meu primeiro exemplar relevante =] emoçaum! 1. pelo menos eu e Cristina Seciuk (boatos de que o número é muito maior) não estamos na seleta lista de assinantes do **RelevO**. censura? caixa 2? pixuleco? só o tempo dirá.

Da redação: Quando o editor não gasta o dinheiro do jornal com bebida e se esquece, o nome do assinante sai na prestação de contas no mês seguinte ao pagamento, Ana. Valores de entrada do dia 26 e 30 do mês (época de fechamento do jornal) acabam aparecendo, em algumas prestações, duas edições depois.

AS BEATS

Juliana Gomes Sou uma das coordenadoras do Leia Mulheres Brasil. E ficamos interessadas na edição especial das Beats que teve participação da Emanuela, mediadora de Curitiba, e coordenado pela Miriam. Com a parceria da Garimpo, procuramos edições de zines, jornais que evidenciam a produção de mulheres e gostaríamos de saber se vocês ainda dispõem dessa edição, se é vendida separadamente e se podemos repassar para os organizadores do clube de leitura Garimpo como indicação. Desde já agradeço.

Wesley Silva. Olá, equipe do **RelevO**. Gostaria de parabenizar a todos

pelo ótimo trabalho realizado! Mais especificamente, gostaria de parabenizar principalmente pela edição de março de 2016, que mostra algumas escritoras da Geração Beat. Quando li pela primeira vez “O Viajante Solitário” de Jack Kerouac, entrei num vórtice sem fim, consumindo tudo que encontrasse sobre o movimento Beat e buscando conhecer o maior número de obras e autores. Porém sempre foi muito difícil encontrar os textos e obras das mulheres, traduzidos para a nossa língua. O tempo passa e ultimamente retomei essa devoção sobre o assunto e novamente tive problemas para encontrar literatura feminina. Fazendo uma pesquisa rápida no Google, encontrei facilmente uma referência ao **RelevO** e quando vi que vocês dedicaram uma edição toda ao assunto, meus olhos brilharam de alegria. Não hesitei em fazer o download e apreciar cada um dos textos, muito bem trabalhados. Creio que já li algumas boas vezes. Baseado nisso, gostaria muito de saber como posso obter (claro que se possível), o jornal físico. Queria muito ter um desses exemplares comigo. Onde posso comprar ou retirar, não sei, mas ficaria muito grato se pudesse receber um. Desde já agradeço a atenção e novamente parabéns pelo Jornal.

Da redação: Infelizmente, mesmo, só temos mais uns dez exemplares sobrando dessa edição. Podemos encaminhar um ou dois. Também pensamos seriamente em reimprimir essa edição. Mandaremos notícias.

ESCRITORA-ESCRITORA

Julia Raiz

1. ESCRITORA-POMBA: novas escritoras se sentem arrogantes em eventos oficiais. Novas escritoras se sentem como pombas e comem tudo o que os velhos escritores oferecem, até lixo. Novas escritoras se sentem como pombas e depois de comer cagam na cabeça dos velhos escritores. Novas escritoras se sentem mal em *happenings* literários com lustres, tapetes vermelhos e coquetéis organizados por velhos escritores. Novas escritoras se sentem bem em pardieiros, companheiras das minúsculas pulgas.

2. ESCRITORA-CARNE FRESCA: novas escritoras são carne fresca. Velhos escritores – que não são nem de longe novas escritoras, sequer velhas – analisam e se apaixonam por corpos em putrefação. Velhos escritores, em geral, são necrófilos. Novas escritoras, para garantir o frescor e a vivacidade dos músculos, devem desconfiar de títulos, diplomas e honrarias. Se, por acaso, velhos escritores mostrarem certo interesse por uma nova escritora, esta deve – imediatamente – procurar dentro de si quaisquer sinais de decomposição: ausência de inovação formal e cheiro podre.

3. ESCRITORA-VACA: novas escritoras são como vacas. Vacas comem grama. Novas escritoras são como animais ruminantes que regurgitam e tornam a mastigar a grama transformada em bolo alimentar. A grama é a percepção sensível das realidades. Novas escritoras precisam de paciência para deixar que o bolo alimentar passe por todo o seu trato digestivo. Quando o trabalho parece demais é preciso mastigar de novo de novo novo novo num movimento de gado insatisfeito. As vacas não só mastigam, as vacas esperam, as vacas trabalham.

1. ESCRITORA-PALOMA: nuevas escritoras se sienten arrogantes en eventos oficiales. Nuevas escritoras se sienten como palomas y comen todo lo que los viejos escritores ofrecen, hasta basura. Nuevas escritoras se sienten como palomas y después de comer cagan sobre la cabeza de los viejos escritores. Nuevas escritoras se sienten mal en los “happenings” literarios con candelabros, alfombras rojas y cócteles organizados por los viejos escritores. Nuevas escritoras se sienten bienen pocilgas, compañeras de las minúsculas pulgas.

2. ESCRITORA-CARNE FRESCA: nuevas escritoras son carne fresca. Viejos escritores – que no son ni por cerca nuevas escritoras, ni siquiera viejas- analizan y se enamoran por cuerpos en estado de putrefacción. Viejos escritores, generalmente, son necrófilos. Nuevas escritoras, para poder garantizar la frescura y la vivacidad de sus músculos, deben desconfiar de los títulos, los diplomas y los honores. Si, por acaso, viejos escritores mostrasen cierto interés por alguna nueva escritora, esta deberá –inmediatamente- buscar dentro de sí cualquier signo de descomposición: ausencia de innovación formal y olor a podredumbre.

3. ESCRITORA-VACA: nuevas escritoras son como vacas. Vacas comen grama. Nuevas escritoras son como animales rumiantes que regurgitan y vuelven a mastigar la grama transformada en bolo alimenticio. La grama es la percepción sensible de las realidades. Nuevas escritoras necesitan paciencia para dejar que el bolo alimenticio pase por su tracto digestivo. Cuando el trabajo parece demasiado es necesario mastigar de nuevo y de nuevo nuevo nuevo en un movimiento de ganado insatisfecho. Las vacas no solo mastican, las vacas esperan, las vacas trabajan.

4. ESCRITORA-CERDA: nuevas escritoras son cerdas. Se revuelcan en un lodazal de inventos. Ingieren cigarros, letras, caballos, gallos, sillas, gorilas, almohadas, recordatorios, verduras, cagan abono. Nuevas escritoras no logran que algo solamente les “guste”, ellas se llenan, se escarban, se clavan, se pegan, se frustran, se amasan, se cogen. Miran al cielo diez veces cada 3 minutos, tienen 46 lapiceros, 32 cuadernos y 44 dientes. Nuevas escritoras borran el punto final varias veces. Vacilan en las secciones de la biblioteca, de la hacienda, de la cama, miran al techo constantemente, se olvidan. Al aire libre gruñen, lloran, corren. En la distancia, los podridos llaman las nuevas escritoras de sucias, inmundas, sórdidas, impuras, aceite y espinas. Pero las nuevas escritoras son suculentas, y, maestras de lo silvestre saben que el lodo mata. El lodo mata bacterias. El lodo mata infecciones, y el lodo mata, sobre todo, los viejos escritores.

Evoé!

Ombudsman • Silvio Demétrio

Em meio à turbulência desse ano furioso que foi 2016, eis que me surgiu um momento de liberdade daqueles que se vive só por força do sonho: Ben-Hur Demeneck me convida para assumir a função de ombudsman do **RelevO**. Apesar do risco disto soar como cabotino, é uma grande sorte ser professor. Porque no horizonte da filosofia está sempre o “philo”, o amigo. Ganha-se sempre menos do que caberia por direito e responsabilidade, mas como compensação vamos construindo grandes amizades. E tenho a sorte de sempre receber provas disso. Minha experiência como ombudsman deste periódico foi nutrida por essa espécie de “philia”. Uma amizade que amplia nossa força de ação no mundo.

E lá se foi um ano e agora meu mandato chega ao fim. Só poderia agradecer pela paciência e fé inabalável do Zanella, editor do **RelevO**, bem como de toda a equipe e assim como, e principalmente, de cada leitor que por algum momento me concedeu alguma atenção aos meus textos. Enquanto houver literatura ainda permanece alguma esperança no devir. Toda leitura é um ato de compaixão, de simpatia (sim – prefixo que significa “com” e pathos, “paixão” = compaixão): permitir-se a experiência segundo a condição do outro – colocar-se no lugar de alguém.

É porque é necessário, pois ainda falta compaixão. Falta amizade. Falta conforto. Falta. A falta é tanta que

às vezes se desacredita nas palavras, como naquela Carta a Lorde Chandos – obra de Hugo Von Hoffmansthal. É só pela literatura que se pode recuperar algo nesse sentido. O zelo pelo dizer. Esse vapor que se dissipa facilmente e que transforma as palavras no testemunho de uma passagem: o estilo. Nada é mais frágil e, no entanto, nada também pode ser mais instigante do que aquilo que derrota a própria morte do homem e o transforma num autor. O estilo, a singularidade que projeta a vida de alguém para dentro das palavras. Algo que insiste, que resta, que fica. A mais sutil de todas as matérias.

Mas falando assim corre-se também o risco de acrescentar alguma inflexão de tristeza, e todas as matizes da bile negra só fazem é imobilizar. Muito ao contrário, de tudo o que vi e li por aqui fica uma grande satisfação pela alegria do movimento e de uma força de expansão que jamais se permite a tristeza. Acho que já estou sentindo saudades.

Quem assume a cadeira de ombudsman no **RelevO** a partir da próxima edição é Gutemberg Medeiros. Um dos espíritos mais prospectivos que já conheci quando o assunto é literatura e jornalismo. É com um fôlego de geólogo que suas pesquisas vão em busca do cerne da modernidade de Lima Barreto e da intersecção dos universos litero-jornalísticos de Nelson Rodrigues e Fiodor Dostoievski. Gutemberg

constrói em sua jornada como pesquisador um conceito que acredito ser fundamental para a leitura crítica do **RelevO**: o “metajornalismo” – na convivência anfíbia entre as duas áreas, literatura e jornalismo, não é difícil encontrar momentos nos quais um literato-jornalista coloca-se a pensar e elaborar algo sobre o próprio ofício. A escrita como uma dobra que sela esses campos para sempre geminados.

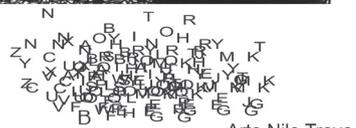
Ganham os leitores, o periódico, a literatura e o jornalismo. De toda essa crise na área, algum elemento catalisador como força histórica deve definir melhor os contornos de um novo mapa a ser percorrido. Sei que é imprudente, arriscado e impulsivo lançar qualquer afirmação assim, mas talvez, acredito, não cabe mais noticiar. Para isso existe toda uma geração de profissionais que lembram aquela personagem da MTV nos anos 90, Max Headroom – um âncora apresentador cibernético que dispensaria a necessidade de um profissional “humano”. Cabe aos jornalistas que ainda resistem, reportar, contar histórias, e, por que não, estórias também. A imaginação no poder, mais uma vez.

O texto sobre a textura da página: um relevo sutil que se percorre com os dedos e com os olhos. Vida longa a todos nós. Que a nossa alegria continue para sempre invencível. Obrigado, Zanella. Obrigado, Ben-Hur. Obrigado, Gutemberg. Obrigado, leitores.

sarau da paulista

POETAS OCUPAM A PAULISTA/
 /ESQUINA COM A PEIXOTO GOMIDE
 MICROFONE ABERTO A TODAS AS ARTES
 ÚLTIMO DOMINGO DO MÊS
 QUINZE HORAS
 SARAUDAPAULISTA@GMAIL.COM

(41) 3552-5895 (41) 3552-1542



NOVO ENDEREÇO:
 RUA CÂNDIDO LOPES, 205, 3.º ANDAR, CONJUNTO 34



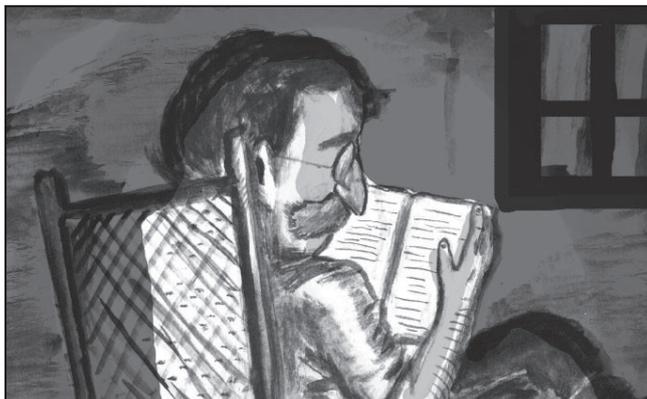
PRAÇA VICENTE MACHADO, 188, CENTRO
 ARAUCÁRIA-PR



FISK
 CENTRO DE ENSINO
 3642-3690 3031-7040
 R. JOÃO PESSOA, 35 – ARAUCÁRIA/PR



Alan Amorim



A editora completa 4 anos de atividades, contando com mais de 330 títulos no catálogo – livros publicados em praticamente todo o território nacional (presença autoral em 21 estados, mais o Distrito Federal).



Conheça nosso trabalho, acessando www.editorapenalux.com.br e facebook.com/penaluxpenalux.

Para envio de originais:
originais@editorapenalux.com.br



A cor e a textura de uma folha em branco é o livro de contos de Carlos Pessoa Rosa, premiado pela UBE/CEPE, em 1998. O autor é médico-escritor, poeta, contista, ensaísta, considerado entre os 20 melhores contistas pela Rádio Francesa Internacional. Publicou também "Sobre o nome dado", "Histórias que o povo conta, mas de seu jeito de contar" pelo Coletivo Dulcinéia Catadora, de São Paulo, e "Una Casa Bien Abierta", texto infantil, pela pequeno editor, de Buenos Aires. Tem trabalhos publicados em várias revistas literárias e coletâneas.

Para adquirir o livro: www.amazon.com

ADVOCACIA

CONSUMIDOR - CÍVEL - FAMÍLIA
CONTRATOS - TRABALHISTA

Bruno César Deschamps Meirinho
(OAB/PR 48.641)

Rua Antônio Zanon, 1.606, Tatuquara
Curitiba, PR, CEP 81.480-150
(41) 3564-7194 (41) 98440-5050



INSCRIÇÕES 2017

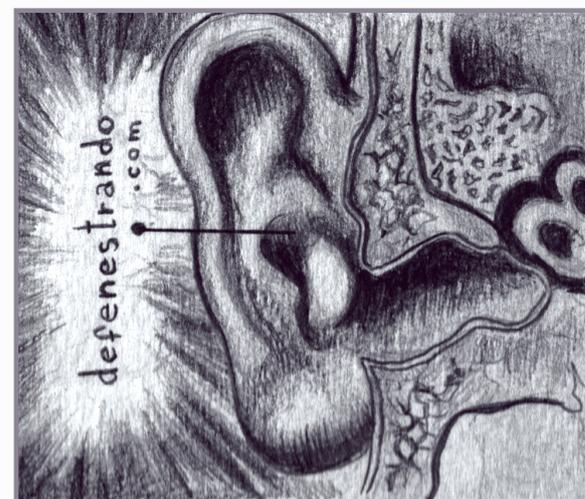
INTENSIVO
JANEIRO

1º SEMESTRE

WWW.CORSO BRANCALEONE.COM

ITALIANO + ARTE + HISTÓRIA

ARTE: TINEO SZCZEPANSKI



APRESENTAÇÃO ARLINDO MAGRÃO
E-PARANÁ AM 630 | DOMINGO - 13H



AVENIDA MANOEL RIBAS, 2532
ARAUCÁRIA PR | (41) 3643-4881



(41) 3031-2357 (41) 9663-7557



Luiz Otávio Prendin Costa



LIVROS | VINIS

JOAQUIM LIVRARIA & SEBO

RUA ALFREDO BUFREN, 51 | CENTRO | CURITIBA, PR

INFO@JOAQUIMLIVRARIA.COM.BR JOAQUIMLIVRARIA.WORDPRESS.COM FB.COM/JOAQUIMLIVRARIA

Fábio Tokumoto/Carol Zanelatto

cristão (christian), s. m.

Alguém que acredita que o Novo Testamento é um livro inspirado por Deus e admiravelmente adequado às necessidades espirituais de seu vizinho. Aquele que segue os ensinamentos de Cristo na medida em que eles não sejam inconsistentes com uma vida de pecado.

Ambrose Bierce – Trad. Rogério W. Galindo

Trecho de *Dicionário do Diabo* (Editora Carambaia, 2017)

Literatura de Refúgio

O Literatura de Refúgio é um evento literário promovido pelo PBMIH (Português Brasileiro para Migração Humanitária), projeto de extensão do curso de Letras da Universidade Federal do Paraná (UFPR). O objetivo da iniciativa é promover reflexões sobre as questões migratórias por meio da literatura.

O projeto, coordenado por João Arthur Pugsley Grahl, professor de Letras da UFPR e coordenador do PBMIH, e por Carla Cursino,

jornalista e mestranda em Estudos Linguísticos, coloca em contato migrantes, estudantes e professores de Letras e leitores por meio de seu formato. Os migrantes auxiliam na seleção de poemas e outros gêneros literários com a temática da migração, refúgio e exílio; alunos e professores de Letras da UFPR traduzem os textos e apresentam suas versões para o público, que participa de um bate-papo conduzido pelos coordenadores.

Flüchtlingsgespräche

Bertolt Brecht

Der Pass ist der edelste Teil
von einem Menschen.
Er kommt auch nicht
auf so eine einfache Weise zustande
wie ein Mensch.
Ein Mensch kann überall
zustande kommen,
auf die leichtsinnigste Art
und ohne gescheiten Grund,
aber ein Pass niemals.
Dafür wird er auch anerkannt,
wenn er gut ist,
während ein Mensch
noch so gut sein kann
und doch nicht anerkannt wird.

Conversas de refugiado

Trad. Hugo Simões e Alessandra Freitas

O passaporte é a parte mais nobre
de um Homem.
Ele não é feito,
assim, tão fácil
como um Homem.
Um Homem pode ser feito
em qualquer lugar,
da forma mais leviana
e sem um bom motivo,
mas um passaporte jamais.
Por isso ele é tão reconhecido,
Se é dos bons,
enquanto um Homem
mesmo que seja muito bom
ainda assim não é reconhecido.

Pan Cogito – powrót

Zbigniew Herbert

1
Pan Cogito
postanowił wrócić
na kamienne łono
ojczyzny

decyzja jest dramatyczna
pożałuje jej gorzko

nie może jednak dłużej
znieść zwrotów kolokwialnych
- comment allez-vous
- wie geht's
- how are you

pytania z pozoru proste
wymagają zawilej odpowiedzi

Pan Cogito zrywa
bandażę życzliwej obojętności
przestał wierzyć w postęp
obchodzi go własna rana

wystawy obfitości
napawają go znużeniem

przywiązał się tylko
do kolumny doryckiej
kościółka San Clemente
portretu pewnej damy
książki której nie zdążył przeczytać
i paru innych drobiazgów

a zatem wraca
widzi już
granicę
zaorane pole
mordercze wieże strzelnicze
gęste zarośla drutu
bezszelestne

drzwi pancerne
zamykają się wolno za nim

i już
jest
sam
w skarbcu
wszystkich nieszczęść

2
więc po co wraca
pytają przyjaciele
z lepszego świata

mógłby tutaj pozostać
jakoś się urządzić

ranę powierzyć
chemicznym wywabiaczom

zostawić w poczekalni
wielkich portów lotniczych

więc po co wraca

- do wody dzieciństwa
- do splątanych korzeni
- do uścisku pamięci
- do ręki twarzy
spalonych na rusztach czasu

pytania z pozoru proste
wymagają zawilej odpowiedzi

może Pan Cogito wraca
żeby dać odpowiedź

na podszepty strachu
na szczęście niemożliwe
na uderzenie znienacka
na podstępne pytanie

O Senhor Cogito – o regresso

Trad. Piotr Kilanowski

1
O Senhor Cogito
resolveu regressar
ao seio pátreo
da pátria

a decisão é dramática
ele se arrependerá amargamente

porém não consegue mais
suportar as expressões coloquiais
- comment allez-vous
- wie geht's
- how are you

perguntas aparentemente simples
exigem uma resposta complexa

o Senhor Cogito arranca
as bandagens da indiferença benévola
deixou de acreditar no progresso
preocupa-se com sua própria ferida

as vitrines de abundância
enchem-no de tédio

apegou-se apenas
à coluna dórica
à igreja de San Clemente
ao retrato de certa dama
a um livro que não teve tempo de ler
e a algumas outras ninharias

e assim regressa
avista já
a fronteira
o campo arado
as assassinas torres de vigia
o denso matagal de arame

silenciosas

as portas blindadas
fecham-se lentamente atrás dele

e já
está
sozinho
no coração do tesouro
de todas as desgraças

2
então para que regressa
perguntam os amigos
do mundo melhor

poderia ficar aqui
estabelecer-se de algum modo

confiar a ferida
a removedores químicos

deixá-la no saguão de espera
dos grandes aeroportos

então para que regressa

- às águas da infância
- às raízes emaranhadas
- ao abraço da memória
- à mão ao rosto
queimados nas grelhas do tempo

perguntas aparentemente simples
exigem uma resposta complexa

talvez o Senhor Cogito regresse
para dar uma resposta

aos sussurros do medo
à felicidade impossível
ao golpe inesperado
à pergunta traiçoeira

Dany Laferrière

Trecho do romance *Tout ce qu'on ne te dira pas, mongo*

Carnet noir: Quand on quitte son pays, on ignore qu'on ne reviendra plus. Il n'y a pas de retour possible, car tout change tout le temps. Les lieux, les gens, les usages. Même notre façon d'appréhender la vie. Si on ne change pas, les autres, eux, changent, et de cette manière nous changeant. Perpétuel mouvement. Mais on ne sait pas ce que le temps fera de nous. On peut visualiser l'espace plus facilement. Le temps, c'est le monstre invisible qui dévore tout sur son passage. Ce genre de choses arrive à notre insu. On débarque dans un pays. On y passe des années. On oublie tout ce qu'on a fait pour survivre. Des codes appris à la dure. Chaque mauvais moment annulé par la tendresse d'un inconnu. Un matin, on est du pays. On se retrouve dans la foule. Et là, brusquement, on croise un nouveau venu et tout remonte à la surface.

Voici l'état des choses au moment de mon arrivée à Montréal. À l'époque,

le monde était à mes yeux composé de deux univers distincts : le Nord et le Sud. Haïti se trouvant au sud et le Québec au nord. Faut-il dire qu'ils sont opposés ou parallèles ? Au début je voulais donner un sens à tout cela. Je n'acceptais pas l'idée que ma vie soit un grain de sable ballotté par le vent. Ces deux espaces et moi formions un triangle dont j'étais le sommet, bien entendu. Ne riez pas, nous refusons tous d'être un simple participant dans ce long-métrage de la vie. Chaque individu qui arrive ici croit que sa présence aura une influence, si minime soit-elle, sur le cours des choses. Il ne sait pas qu'il faudra toute une vie pour qu'on l'appelle par son nom. On ne verra en lui pendant longtemps qu'un immigré. Comment avoir un impact sur une société quand on n'est même pas nommé ? Bon, n'anticipons pas, laissons-lui toute sa fraîcheur. Il voudra tout entendre, tout goûter, tout sentir, tout voir. Tout commenter, surtout. Le voilà qui arrive, moi ou un autre.

Trad. Rafaela T. Santana

Caderno de anotações: Quando deixamos o nosso país, não sabemos que não voltaremos mais. Não há regresso possível, pois tudo muda, o tempo todo. Os lugares, as pessoas, as apropriações. Mesmo nosso modo de apreender a vida. Se nós não mudamos, os outros, eles mudam, e deste modo, nos mudam. Perpétuo movimento. Mas não sabemos o que o tempo fará de nós. Podemos visualizar o espaço com maior facilidade. O tempo é o monstro invisível que, conforme passa, devora tudo. Este tipo de coisa nos passa despercebido. Desembarcamos em um país. Ali ficamos durante anos. Esquecemos tudo o que fizemos para sobreviver. Os códigos arduamente aprendidos. Cada mau momento anulado pela gentileza de um desconhecido. Uma manhã, somos do país. Nos reencontramos na multidão. E ali, bruscamente, cruzamos um novo acontecimento e tudo vem à tona novamente.

Este era o estado das coisas no momento de minha chegada a

Montreal. Na época, aos meus olhos o mundo era composto por dois universos distintos: o Norte e o Sul. O Haiti ficando ao sul e o Quebec ao Norte. Deve-se dizer que eles são opostos ou paralelos? No início eu buscava dar um sentido a tudo isso. Eu não aceitava a ideia de que minha vida fosse um grão de areia levado pelo vento. Estes dois espaços e eu formávamos um triângulo do qual eu era o topo, naturalmente. Não ria, todos nós recusamos ser meros figurantes neste longa metragem da vida. Cada indivíduo que chega aqui acredita que sua presença terá uma influência, por menor que seja, no curso das coisas. Ele não sabe que será preciso toda uma vida para que o chamem pelo nome. Não verão nele, durante muito tempo, nada além de um imigrante. Como causar impacto em uma sociedade quando não se é nem mesmo tratado pelo nome? Bem, não antecipemos, o deixemos em todo seu frescor. Ele desejará tudo ouvir, tudo saborear, tudo sentir, tudo ver. Tudo comentar, principalmente. E eis que chega, eu ou um outro.

Peregrino

Luis Cernuda

¿Volver? Vuelva el que tenga,
Tras largos años, tras un largo viaje,
Cansancio del camino y la codicia
De su tierra, su casa, sus amigos,
Del amor que al regreso fiel le espere.

Mas, ¿tú? ¿Volver? Regresar no piensas,
Sino seguir libre adelante,
Disponível por siempre, mozo o viejo,
Sin hijo que te busque, como a Ulises,
Sin Ítaca que aguarde y sin Penélope.

Sigue, sigue adelante y no regreses,
Fiel hasta el fin del camino y tu vida,
No echas de menos un destino más fácil,
Tus pies sobre la tierra antes no hollada,
Tus ojos frente a lo antes nunca visto.

Peregrino

Trad. Sérgio R. Santos Lopes

Voltar? Volte aquele que tiver,
Depois de longos anos, depois de longa viagem,
O cansaço do caminho e a saudade
Da sua terra, sua casa, seus amigos,
Do amor que, ao seu retorno, fiel lhe espere.

Mas, você? Voltar? Não pensa em regressar,
Senão seguir livre adiante,
Disponível para sempre, moço ou velho,
Sem filho que te busque, como a Ulisses,
Sem Ítaca que te aguarde e sem Penélope

Siga, siga adiante e não retorne,
Fiel até o fim do caminho e da tua vida,
Não sinta falta de um destino mais fácil.
Teus pés sobre a terra antes não pisada,
Teus olhos frente ao antes nunca visto.

guia de blocos do Carnaval Emponderado

Fevereiro é um mês apreciado na redação do **Relevo**. É o período em que degustamos piroca de chocolate após ler Kéfera e cantamos o Melô da Pepeca Confeiteira depois de uma tarde de teatro experimental. A criação sempre é coletiva e sem vaselina. Pensando nos nossos leitores e na delicadeza de convidar os amigos e amigas para nossas festas, trazemos à tona a programação do nosso Carnaval Emponderado 2017.

Local: De fala.

Data: De acordo com as crenças de cada um, partindo do princípio da alteridade.

Quem pode: todos, exceto fascistas.

Quem não pode: Fascistas. E ambulantes, pois não geram emprego.

Ingresso: Um(a) quilo(a) de alimento sem morte, sem glúten e sem gordura trans. Ou um wrap de alcachofra.

Jurados: Não há julgamento, pois se deve respeitar o local de fala.

Estrutura: As arquibancadas são de garrafa de tecnologia pet com a ponta não cortante e com uso de acordo com a escolha consciente do usuário. Por meio de um procedimento ecossustentável, cada pulo dos espectadores gerará energia para um povoado paraense sem acesso aos direitos básicos de iluminação e conscientização. A avenida será a primeira do segmento a ser forrada com cimento, camisinhas usadas e DST's erradicadas em eficientes campanhas de conscientização.

Imprensa: A cobertura jornalística será feita pela Mídia Ninja e por repórteres da Vice que já tomaram drinks de esperma. O credenciamento se dará por meio de grafites críticos.

Bloco As Laertesson

Vestidos de charges da cartunista Laerte, os integrantes cantarão marchinhas inspiradas em colonistas famosos, mas sem os erros de concordância.

Bloco Bolsomito

Ruminará as ideias de Bolsonaro sob a perspectiva da Antiguidade Tardia e dos novos mecanismos de terraplanagem. Por se tratar de um bloco muito concorrido, a entrada será mais rigorosa: os integrantes precisarão se identificar no heliporto com peças de roupa camufladas. Apenas homens que perderam a virgindade em puteiro poderão participar, e não será tolerada a reclamação por eventuais disparos no decorrer da marcha. Encerra seu desfile às 22h, pois as crianças precisam voltar para casa.

Bloco Fora Temer

Com Meryl Streep como rainha da bateria e Tico Santa Cruz como embaixador do bem, apresentará os melhores flashmobs de eventos em que artistas gritaram Fora Temer. Durante a marcha, serão lidas as melhores propostas de intervenção de redações do Enem, ao passo que mais de 30 atores decididamente milionários ensinarão ao público como este, o público, deve conduzir suas decisões.

Trio indie sem trocadilho

Primeiro trio do segmento a não utilizar referências descoladas, proibirá parcialmente o uso de camisetas irônicas e de moças brancas de franja, sendo permitidas inserções genitais com dispositivo de comprovação biométrica dos organizadores.

Bloco

Não sambam por quatro dias, da importação de oficinas literárias imersas em fascismo com bandeira, mais de 15 para evitar

Escol

Três escolhas para comparecer



Bloco Os Trumpetistas

Retirado de uma piada da internet, recria em superslow passos invertidos de integrantes do Pink Floyd, utilizando-se apenas de liberais™ que gostam de imposto, Forças Armadas e gerenciamento do reto alheio.

Bloco Dietas Conscientes

Combaterá a dieta da tênia, a dieta do vinagre e água, a dieta do suco de repolho, a dieta da coca diet, menos a dieta do mastigar e cuspir em inimigos do Facebook. Contém intolerantes a lactose cujos organismos absolutamente toleram lactose.

Bloco Gender Fluid

Adaptará todas as marchinhas clássicas de maneira a se utilizar de gênero neutro. Também removerá todo elemento considerado opressivo. Ninguém cantará e ninguém tocará nada, mas o bloco providenciará uma performance gasta com recursos de suas respectivas famílias fascistas. Após muito tempo excluindo gêneros da língua portuguesa, x mestre-salas atende por Mal Com X.

Bloco Melaloucos

Reunirá o bonde dos entusiastas da aromaterapia e não, não estamos falando de lança-perfume.

Organizada Não Me Chama de Antônio

Nos passos de Carnaval / Esse resto de papel / Subsídio do meu pau
CURTIR | COMENTAR | COMPARTILHAR

Trio Bioelétrico

Composto por vocalistas de bandas-ativistas, será movido por consciência, veia crítica, responsabilidade e um animal de tração com tênis led. Afinal, andróides sonham com ovelhas elétricas.

Bloco do Armandinho

Executando apenas músicas de Armandinho, aquele do reggae, toda a equipe se vestirá de Armandinho, o personagem ilustrado mais filho de uma puta desse país. Ao final do desfile, todos cometerão suicídio ingerindo Ki-Suco e escreverão cartas emulando elogios de crônicas do Armando Nogueira.

Caiobá/Matinhos-PR

How to talk poetry

Leonard Cohen

Take the word butterfly. To use this word it is not necessary to make the voice weigh less than an ounce or equip it with small dusty wings. It is not necessary to invent a sunny day or a field of daffodils. It is not necessary to be in love, or to be in love with butterflies. The word butterfly is not a real butterfly. There is the word and there is the butterfly. If you confuse these two items people have the right to laugh at you. Do not make so much of the word. Are you trying to suggest that you love butterflies more perfectly than anyone else, or really understand their nature? The word butterfly is merely data. It is not an opportunity for you to hover, soar, befriend flowers, symbolize beauty and frailty, or in any way impersonate a butterfly. Do not act out words. Never act out words. Never try to leave the floor when you talk about flying. Never close your eyes and jerk your head to one side when you talk about death. Do not fix your burning eyes on me when you speak about love. If you want to impress me when you speak about love put your hand in your pocket or under your dress and play with yourself. If ambition and the hunger for applause have driven you to speak about love you should learn how to do it without disgracing yourself or the material.

What is the expression which the age demands? The age demands no expression whatever. We have seen photographs of bereaved Asian mothers. We are not interested in the agony of your fumbled organs. There is nothing you can show on your face that can match the horror of this time. Do not even try. You will only hold yourself up to the scorn of those who have felt things deeply. We have seen newsreels of humans in the extremities of pain and dislocation. Everyone knows you are eating well and are even being paid to stand up there. You are playing to people who

have experienced a catastrophe. This should make you very quiet. Speak the words, convey the data, step aside. Everyone knows you are in pain. You cannot tell the audience everything you know about love in every line of love you speak. Step aside and they will know what you know because you know it already. You have nothing to teach them. You are not more beautiful than they are. You are not wiser. Do not shout at them. Do not force a dry entry. That is bad sex. If you show the lines of your genitals, then deliver what you promise. And remember that people do not really want an acrobat in bed. What is our need? To be close to the natural man, to be close to the natural woman. Do not pretend that you are a beloved singer with a vast loyal audience which has followed the ups and downs of your life to this very moment. The bombs, flame-throwers, and all the shit have destroyed more than just the trees and villages. They have also destroyed the stage. Did you think that your profession would escape the general destruction? There is no more stage. There are no more footlights. You are among the people. Then be modest. Speak the words, convey the data, step aside. Be by yourself. Be in your own room. Do not put yourself on.

This is an interior landscape. It is inside. It is private. Respect the privacy of the material. These pieces were written in silence. The courage of the play is to speak them. The discipline of the play is not to violate them. Let the audience feel your love of privacy even though there is no privacy. Be good whores. The poem is not a slogan. It cannot advertise you. It cannot promote your reputation for sensitivity. You are not a stud. You are not a killer lady. All this junk about the gangsters of love. You are students of discipline. Do not act out the words. The words die when you act them out, they wither, and we are left with

nothing but your ambition.

Speak the words with the exact precision with which you would check out a laundry list. Do not become emotional about the lace blouse. Do not get a hard-on when you say panties. Do not get all shivery just because of the towel. The sheets should not provoke a dreamy expression about the eyes. There is no need to weep into the handkerchief. The socks are not there to remind you of strange and distant voyages. It is just your laundry. It is just your clothes. Don't peep through them. Just wear them.

The poem is nothing but information. It is the Constitution of the inner country. If you declaim it and blow it up with noble intentions then you are no better than the politicians whom you despise. You are just someone waving a flag and making the cheapest kind of appeal to a kind of emotional patriotism. Think of the words as science, not as art. They are a report. You are speaking before a meeting of the Explorers' Club of the National Geographic Society. These people know all the risks of mountain climbing. They honour you by taking this for granted. If you rub their faces in it that is an insult to their hospitality. Tell them about the height of the mountain, the equipment you used, be specific about the surfaces and the time it took to scale it. Do not work the audience for gasps and sighs. If you are worthy of gasps and sighs it will not be from your appreciation of the event but from theirs. It will be in the statistics and not the trembling of the voice or the cutting of the air with your hands. It will be in the data and the quiet organization of your presence.

Avoid the flourish. Do not be afraid to be weak. Do not be ashamed to be tired. You look good when you're tired. You look like you could go on forever. Now come into my arms. You are the image of my beauty.

Como falar poesia

Trad. Nathalia Tsiflidis

Pegue a palavra borboleta. Para usá-la, não é preciso fazer a palavra pesar menos que uma onça ou adorná-la com asinhas sujas. Não é preciso fantasiar um dia ensolarado ou um campo de narcisos. Não é preciso estar apaixonada ou estar apaixonada por borboletas. A palavra borboleta não é uma borboleta. Há a palavra e há a borboleta. Se você confunde essas duas coisas, as pessoas têm o direito de rir de você. Não leve a palavra tão a sério. Você está querendo dizer que ama borboletas mais intensamente que qualquer outra coisa ou que entende de cor sua natureza? A palavra borboleta é mero dado. Não é uma chance para você viajar, criar asas, amigar-se das flores, representar beleza e fragilidade ou de nenhuma maneira personificar uma borboleta. Não aja com palavras. Nunca aja com palavras. Nunca tente evitar enquanto fala sobre voar. Nunca feche os olhos e tombe sua cabeça para um lado quando falar sobre morte. Não fixe seus olhos inflamados em mim quando falar sobre amor. Se quer me impressionar enquanto fala sobre amor, coloque sua mão em seu bolso ou debaixo de seu vestido e se masturbe. Se a ambição e sede pelo aplauso te levaram a falar sobre amor, você deve aprender como fazer isso sem desgraçar a você ou a matéria.

Qual é a representação que a era exige? A era não exige nenhuma representação. Vimos fotografias de mães asiáticas órfãs. Não estamos interessadas na agonia de seus órgãos atrapalhados. Não há nada que você possa expressar em seu rosto que resuma o horror desse tempo. Nem tente. Você irá apenas se condenar ao desprezo de quem sentiu as coisas na pele. Nós vimos documentários de gente em extrema dor e fragmentação. Todo mundo sabe que você está se alimentando bem e até sendo paga para estar aí. Você está atuando para pessoas que vivenciaram a catástrofe. Isso deveria te fazer pianinho. Fale as

palavras, transmita os dados, dê um passo para trás. Todo mundo sabe que você está sofrendo. Você não pode dizer ao público tudo que sabe sobre amor em cada estrofe de amor que faz. Dê um passo para trás e eles saberão o que você sabe porque você já sabe disso. Você não tem nada a ensiná-los. Você não é mais bela que eles. Você não é mais sábia. Não grite para eles. Não force ir no seco. Isso é sexo mal feito. Se você mostrar as curvas das suas genitais, entregue o que está prometendo. E lembre-se de que as pessoas não querem uma acrobata na cama. Qual é a nossa necessidade? Estar perto do homem natural, estar perto da mulher natural. Não finja ser uma cantora louvada com um público vasto e leal que lhe seguiu durante seus altos e baixos até aqui. As bombas, lança-chamas e o caralho a quatro destruíram mais do que as árvores e comunidades. Também destruíram o palco. Você acha que sua profissão escaparia da destruição em massa? Não há mais palco. Não há mais ribalta. Você está no meio das pessoas. Então seja modesta. Fale as palavras, transmita os dados, dê um passo para trás. Esteja para você. Esteja em seu próprio abrigo. Não se intrometa.

Isso é uma paisagem interior. Está dentro. É privado. Respeite a privacidade da matéria. Esses pedaços foram escritos em silêncio. A coragem do espetáculo é apresentá-lo. A disciplina do espetáculo é não violá-lo. Deixe o público sentir seu amor pela privacidade mesmo que não exista privacidade. Seja uma boa putinha. O poema não é um outdoor. Ele não pode te promover. Não pode te vender como persona sensível. Você não é um ícone. Você não é matadora. Toda essa merda sobre marginais do amor. Você é estudante da disciplina. Não atue com palavras. As palavras morrem quando você as encena, elas embranquecem, e nós ficamos apenas com suas ambições.

Fale as palavras com a exata precisão a qual você checa uma lista de lavanderia. Não fique emotiva por uma blusa rendada. Não fique excitada quando disser calcinha. Não fique toda bamba só por causa da toalha. Os lençóis não deveriam causar um discurso fantasioso sobre os olhos. Não há necessidade de choramingar em lenços. As meias não estão lá para te lembrar de viagens estranhas e distantes. São apenas suas roupas sujas. São apenas suas roupas. Não pie por elas. Apenas use-as.

O poema é nada além de informação. É a Constituição do próprio país. Se você o declama e o destrói com nobres intenções, então, você não é nada melhor do que os políticos que detesta. Você é apenas alguém hasteando uma bandeira e fazendo o apelo mais barato para uma espécie de patriotismo sentimental. Pense nas palavras como ciência, não como arte. Elas são uma prestação de contas. Você está falando ante a uma reunião do Clube de Exploradores da Sociedade Geográfica Nacional. Essas pessoas conhecem todos os riscos de escalar uma montanha. Elas te honram não por garanti-las do risco. Se lhes acariciar o rosto será um insulto à hospitalidade delas. Fale para elas sobre a altura da montanha, os equipamentos que usou, seja específica a respeito das superfícies e do tempo que levou para escalar. Não provoque o público para ofegar e suspirar. Se valer ofegos e suspiros não será por seu apreço do acontecimento, mas pelo apreço do público. Será pelas estatísticas e não pela voz vacilante ou pelos golpes no ar com suas mãos. Será pelos dados e pela sobriedade de sua presença.

Evite a ladainha. Não tenha medo de ser fraca. Não tenha vergonha de estar cansada. Você fica bonita quando está cansada. Parece que você pode continuar com isso para sempre. Agora venha para meus braços. Você é a imagem da minha beleza.

O espírito editorial do **RelevO** carrega muito da energia dos quadrinhos alternativos e dos fanzines. Afinal, para fazer seu caminho, este jornal-peregrino encara qualquer topografia. Seja ela pedra, seja planta, seja bicho, seja humana.

Ao abrir espaço para a arte sequencial com a seção que chamaremos de *Maidan*, o **RelevO** apenas reforça sua simpatia às múltiplas formas de expressão. Em 2015, "Maidan" foi zine finalista do francês 43^e Festival de la Bande Dessinée d'Angoulême na categoria das publicações alternativas.

Lá como cá, desse Atlântico que se atravessa remotamente, os responsáveis por *Maidan* somos estes: o jornalista e professor da UEPG Ben-Hur Demeneck e o cartunista e produtor gráfico Erickson Cruz ("Betão"). Esperamos que acompanhem e gostem da nossa página.

ZINELÂNDIA

NANKIM

Ponta Grossa, PR

Circulação: 1989-1991. **Formato:** A5, PB. **Método de impressão:** fotocópia. **Tiragem:** última edição teve 400 exemplares. **Distribuição:** era vendido lacrado. **Autores:** Fábio Riesemberg (idealizador), Ivan Santos (editor), Adriane Perin, Ney Davi Hermann, Emildo Coutinho, entre outros. **Temas:** Arte, Música, Política e ativismo, Diversos, HQ.

Nankim pode ser considerado um zine iconoclasta. É uma das referências da tradição zinística da UEPG. Circulou em cinco edições entre 1989 e 1991 sem periodicidade fixa. Crítico do moralismo provinciano, o **Nankim** terminou alvo de processo administrativo da universidade por publicar uma imagem religiosa em pose erótica. Na prática, obrigou o idealizador a cursar um semestre a mais para se formar. O episódio repercutiu na imprensa regional e na *Folha de Londrina*.

Depoimento exclusivo: "Pra mim, em que pese certa dose de voluntarismo e ingenuidade próprias da idade, foi um grande aprendizado, mas principalmente, um exercício do 'do it yourself' que a gente havia aprendido com o movimento punk, e uma experiência que influenciaria o rumo da minha vida dali em diante" (Ivan Santos; 20.jan.2017).

Desenhos: Erickson Cruz | Roteiro: Ben-Hur Demeneck.



Paraná, idos de 1940

Matias vai conduzir mais de cem porcos entre Bom Jardim do Sul e Campina Bela.

A única vantagem de lidar com porcos, é que eles sabem achar comida.



Eles conhecem todos os segredos do campo.



Eles aproveitam o que encontram na floresta.



CONTINUA...

ALONE!

Machado de Assis

*I would wander far off flying away,
and remain in the wilderness.*

Psalms 55:7

After closing the door Bonifácio put the keys away, crossed the garden and went into the house. He was alone, finally alone. The house faced a street that was almost deserted and had almost no residents. There was another street along one of the sides of the cottage. I believe that all this was around Andaraí.

In one of his admirable stories, a great writer, Edgar Poe, writes of an unknown man's nocturnal run through the streets of London with the visible purpose of never being alone as the streets become deserted. "This old man," he concludes, "is the type and the genius of deep crime. He is the man of the crowd." Bonifácio wasn't capable of committing crimes, nor was he looking for crowded places, so much so that he confined himself in an empty house. Though his forty-five years of age weren't likely to make his fantasizing about a lady implausible, love wasn't the reason for his confinement. Let's face the truth: he wanted to rest from the company of others. The person who introduced this idea in his head – without wanting or noticing – was a strange man from these times, a philosopher, a certain Tobias, who lived next to Jardim Botânico. Philosopher or not, he had a long, dry face, a big nose, and wore tortoiseshell glasses. He was born in São Paulo, studied in Coimbra during the time of the king and lived in Europe for many years, spending all he had. Until, having nothing more than crumbs, he decided to run away. He then came to Rio de Janeiro, planning to go to São Paulo; but he stayed in Rio and here he died. He used to disappear from the city for one or two months. He confined

himself to his house with the only black slave he owned, whom he ordered not to speak to him. This state of affairs made him believe himself to be crazy, and this was also the opinion among the lads. However, he was considered by many to be highly educated and intelligent, both characteristics crippled by an incurable skepticism. Bonifácio, one of his few relatives, once asked him what pleasure he found in those long and absolute confinements. Tobias answered that it was the most pleasurable thing in the world.

"But alone! For so much time, between four walls, with no one's company!"

"With no one's company, no."

"Well, a slave, who cannot even ask for your blessing!"

"No, sir. I have a certain number of ideas; and, as soon as I'm alone, I have fun by talking to them. Some come to me already pregnant by others, and give birth to another five, ten, twenty, and all of them jump, play, go up and down. Sometimes they fight with each other, hurt each other, and sometimes others die; and before I know it, many weeks have already gone by."

Shortly after this conversation, one of Bonifácio's houses became vacant. He, bored and tired of social life, wanted to imitate the old philosopher Tobias. He said at home, at Bernardo's shop, and to some friends he was going to spend some days with in Iguaçu, and he retired to Andaraí. As variety annoyed him, it was possible to savor monotony. Wouldn't it be delightful to live alone, for two whole weeks, in the same space, with the same things, without having to walk from house to house and street to street? Actually, few people would like monotonous music. This, however, pleased Bonaparte and made him elaborate a curious theory, according to which repetitive impressions would be the only ones that truly take possession of us. In Andaraí, the impression was one and only one.

We saw him entering the house. We will see him going through everything, rooms and bedrooms, garden and cottage. His first impression, when he found himself there, kind of a Robinson, was a bit strange but

pleasant. For the rest of the afternoon he was nothing more than an owner. With patient thoroughness, he examined everything: walls, roofs, doors, windowpanes, trees, the water tank, the fence of thorns. He noticed that the stairs from the kitchen to the cottage were chipped and exposing the brick. The stove was severely damaged. Just one of the two kitchen windows closed properly, the other was kept shut with a piece of rope. On this occasion he discovered and raged against everything with a false and effective anger: rat holes, torn wallpapers, abandoned nails, strokes of penknife in some of the windowsills.

The afternoon passed very quickly. He only noticed that he was alone when the Ave-Marias entered the house, with their grieving widows' look. It was the first time in his life he felt the melancholy of such guests. The divine Dante is the only one who would know how to sing this deep and eloquent time of the day. Bonifácio knew only because of the cooking gas of the dinner, the appearance of the food, the clinking of the plates, the sparkle of the cups, the babbling of conversation, if he was having dinner with other people, or, if he was having dinner alone, thinking about them. It was the first time he felt the prestige of loneliness, and it undoubtedly afflicted him. He rushed to turn on the lights and had dinner.

His dinner wasn't so bad, even without soup. He drank a coffee he himself prepared in the machine he himself had brought, and he filled the rest of the evening as he could. When going to wind the clock at eight, he decided to let it stop in order to make the loneliness more complete. He read some pages of a book, yawned, smoked, and slept. In the morning, coming back from the water tank and having some coffee, he went to get the daily newspapers and noticed that he purposefully had not asked for them to be delivered. He was so used to reading them between breakfast and lunch that he could not find anything to replace them.

"Silly!" he exclaimed. "What was the problem of having the newspapers sent?"

To kill time, he decided to open

SÓ!

Trad. Greicy Bellin

*Alonguei-me fugindo, e
morei na soledade.*

Salm. Liv. 8

Bonifácio, depois de fechar a porta, guardou a chave, atravessou o jardim e meteu-se em casa. Estava só, finalmente só. A frente da casa dava para uma rua pouco frequentada e quase sem moradores. A um dos lados da chácara corria outra rua. Creio que tudo isso era para os lados de Andaraí.

Um grande escritor, Edgar Poe, relata, em um de seus admiráveis contos, a corrida noturna de um desconhecido pelas ruas de Londres, à medida que se despovoam, com o visível intento de nunca ficar só. "Esse homem, conclui ele, é o tipo e o gênio do crime profundo; é o homem das multidões." Bonifácio não era capaz de crimes, nem ia agora atrás de lugares povoados, tanto que vinha recolher-se a uma casa vazia. Posto que os seus quarenta e cinco anos não fossem tais que tornassem inverossímil uma fantasia de mulher, não era amor que o trazia à reclusão. Vamos à verdade: ele queria descansar da companhia dos outros. Quem lhe meteu isso na cabeça, sem o querer nem saber, foi um esquisitão desse tempo, dizem que filósofo, um tal Tobias que morava para os lados do Jardim Botânico. Filósofo ou não, era homem de cara seca e comprida, nariz grande e óculos de tartaruga. Paulista de nascimento, estudara em Coimbra, no tempo do rei e vivera muitos anos na Europa, gastando o que possuía, até que, não tendo mais que alguns restos, arreprou carreira. Veio para o Rio de Janeiro, com o plano de passar a S. Paulo; mas foi ficando e aqui morreu. Costumava ele desaparecer da cidade durante um ou dois meses; metia-se em casa,

com o único preto que possuía, e a quem dava ordem de lhe não dizer nada. Esta circunstância fê-lo crer maluco, e tal era a opinião entre os rapazes; não faltava, porém, quem lhe atribuísse grande instrução e rara inteligência, ambas inutilizadas por um ceticismo sem remédio. Bonifácio, um dos seus poucos familiares, perguntou-lhe um dia que prazer achava naquelas reclusões tão longas e absolutas; Tobias respondeu, que era o maior regalo do mundo.

— Mas, sozinho! tanto tempo assim, metido entre quatro paredes, sem ninguém!

— Sem ninguém, não.

— Ora, um escravo, que nem sequer lhe pode tomar a bênção!

— Não, senhor. Trago um certo número de ideias; e, logo que fico só, divirto-me em conversar com elas. Algumas vêm já grávidas de outras, e dão à luz cinco, dez, vinte e todo esse povo salta, brinca, desce, sobe, às vezes lutam umas com outras, ferem-se e algumas morrem; e quando dou acordo de mim, lá se vão muitas semanas.

Foi pouco depois dessa conversação que vagou uma casa de Bonifácio. Ele, que andava aborrecido e cansado da vida social, quis imitar o velho Tobias; disse em casa, na loja do Bernardo e a alguns amigos, que ia estar uns dias em Iguazu, e recolheu-se a Andaraí. Uma vez que a variedade enfarava, era possível achar sabor da monotonia. Viver só, duas semanas inteiras, no mesmo espaço, com as mesmas coisas, sem andar de casa em casa e de rua em rua, não seria um deleite novo e raro? Em verdade, pouca gente gostará da música monótona; Bonaparte, entretanto, lambia-se por ela, e sacava dali uma teoria curiosa, a saber, que as impressões que se repetem são as únicas que verdadeiramente se apossam de nós. Na chácara de Andaraí a impressão era uma e única.

Vimo-lo entrar. Vamos vê-lo percorrer tudo, salas e alcovas, jardim e chácara. A primeira impressão dele, quando ali se achou, espécie de Robinson, foi um pouco estranha, mas agradável. Em todo o resto da tarde não foi mais que proprietário; examinou tudo, com

paciência minuciosidade, paredes, tetos, portas, vidraças, árvores, o tanque, a cerca de espinhos. Notou que os degraus que iam da cozinha para a chácara, estavam lascados, aparecendo o tijolo. O fogão tinha grandes estragos. Das janelas da cozinha, que eram duas, só uma fechava bem; a outra era atada com um pedaço de corda. Buracos de rato, rasgões no papel da parede, pregos deixados, golpes de canivete no peitoril de algumas janelas, tudo descobriu, e contra tudo tempestuou com uma certa cólera postiça e eficaz na ocasião.

A tarde passou depressa. Só reparou bem que estava só, quando lhe entraram em casa as ave-marias, com o seu ar de viúvas recentes; foi a primeira vez na vida que ele sentiu a melancolia de tais hóspedes. Essa hora eloquente e profunda, que ninguém mais cantará como o divino Dante, ele só a conhecia pelo gás do jantar, pelo aspecto das viandas, ao tinir dos pratos, ao reluzir dos copos, ao burburinho da conversação, se jantava com outras pessoas, ou pensando nelas, se jantava só. Era a primeira vez que lhe sentia prestígio, e não há dúvida que ficou acabrunhado. Correu a acender luzes e cuidou de jantar.

Jantou menos mal, ainda que sem sopa; tomou café, preparado por ele mesmo, na máquina que levava, e encheu o resto da noite como pôde. Às oito horas, indo dar corda ao relógio, resolveu deixá-lo parar, a fim de tornar mais completa a solidão; leu algumas páginas de uma novela, bocejou, fumou e dormiu. De manhã, ao voltar do tanque e tomado o café, procurou os jornais do dia, e só então advertiu que, de propósito, os não mandara vir. Estava tão acostumado a lê-los, entre o café e o almoço, que não pôde achar compensação em nada.

— Pateta! exclamou. Que tinha que os jornais viessem?

Para matar o tempo, foi abrir e examinar as gavetas da mesa, uma velha mesa, que lhe não servia há muito, e estava ao canto do gabinete, na outra casa. Achou bilhetes de amigos, notas, flores, cartas de jogar,

and examine the table drawers – an old table, long and useless, that had been in the corner of the office in the other house. He found cards from friends, notes, flowers, playing cards, pieces of string, seals, feathers, old bills, etc. He reread all the notes.

Some of them were about scattered or extinct things and people. “Please remind the hairdresser to go to Mrs. Amélia’s house.” “Don’t forget to buy a rocking horse for Vasconcelo’s son.” “Congratulate the Navy minister.” “Don’t forget to copy the riddles that Mrs. Antonia asked me for.” “Check for the number of the suspenders shop.” “Ask the Chamber secretary for a VIP ticket for the day of the interpellation.” And some of them so concise that he couldn’t understand. Like these, for example: “Soares, gifts, on horseback.” “Gold and table-foot.”

At the bottom of the drawer, he found a small tortoise box, a small tuft of hair inside, and this note: “Cut yesterday, November 5, in the morning.” Bonifácio shivered....

“Carlota!” he exclaimed.

His commotion is understandable. The other notes were pieces of a social life. Single and with no relatives, Bonifácio turned society into a family. He had numerous relationships, most of them intimate. He had always based his existence on living socially. He was the required element at all the functions, an infallible partner, discreet confidant and a friendly servant, especially for ladies. In the confidences, as he was peaceful and without opinion, he used to adopt each person’s feelings and sincerely combined them, reconstructing edifices which time or the storms of life kept consuming. One of these confidences took him to the love expressed in that small tuft of hair cut yesterday, the fifth of November. This love was the great memorable event in his life.

“Carlota!” he repeated again.

Sitting back on the chair, he contemplated the hair as if it were its owner. He reread the note, then closed his eyes to more clearly remember the facts. It is fair to say that he became a bit sad, but fatuity colored his sorrow with

a few happier shades. He revived the love and the carriage – her carriage, the magnificent shoulders and jewelry, her fingers and rings, the lover’s tenderness and the public admiration...

“Carlota!”

He was troubled even after lunch. And yet, lunchtime was the best thing to wish for in those circumstances, especially if we consider the excellent burgundy accompanying it, a gift from a diplomat; but not even then.

An interesting phenomenon: after lunch, while lighting a cigar, Bonifácio thought what good fortune it would be if she appeared, at that moment, even though he was forty-four. It was possible; she lived near Tijuca. As it seemed possible, Bonifácio opened all the front windows and went down to the cottage to get to the fence that faced the other street. He had that kind of imagination which hope offers to all men. He imagined Carlota passing by, the entry, the astonishment and the recognition. He even supposed he could hear her voice, but that had been happening to him since early in the morning but with other voices. Sometimes, he heard snippets of sentences:

“But, Mr. Bonifácio...”

“Play; the hand is mine...”

“Have you had dinner with the Judge?”

These were some echoes of his memory. The voice of the owner of the hair was also an echo. This voice, however, seemed to be closer, and he really thought he would see the person. He started to believe that the extraordinary fact of reclusion was related to meeting the lady, the only way to explain it. How? Fate’s secret. He peered slyly at the street through the fence, as if he wanted to deceive himself. He didn’t see or hear nothing more than five or six dogs chasing one another, barking in a chorus. It started to drizzle. He ran into the house to avoid the rain. As he entered, he distinctively heard a voice saying:

“My darling!”

He shivered; but it was an illusion. He went to the window, to look at the rain, and he remembered that

one of his greatest pleasures on such occasions was to be at Bernardo’s or Farani’s door, watching people passing by, some going down, others going up, in a quadrille of umbrellas... The impression of silence, especially, afflicted him more than that of loneliness. He heard some birds chirping, cicadas, sometimes a coach rolling by, far away, some human voice, scoldings, songs, a laugh, everything so weak, vague and remote, as if destined to intensify the silence. He wanted to read and couldn’t. He decided to reread the letters and examine the old bills. He was impatient, angry, nervous. The rain, not that intense, promised to last for hours, maybe days. Another pack of dogs in the yard, which brought to his memory a saying by old Tobias. He was in his house, both of them at the window, and they saw a dog passing on the street, running away from two other dogs which were barking; however, some other dogs, coming out of the stores and off corners, started to bark in a chorus with the same passion and anger. All of them ran after the one fleeing dog. Tobias’s dog was among them, one that the owner supposed to be the descendant of a feudal dog, a companion of old chatelaines. Bonifácio laughed and asked him if such a noble animal should walk in the chaos of the street.

“You say that,” Tobias answered, “because you don’t know the social maxim of dogs. You saw that none of them asked the others what the chased one had done. All of them participated in the chorus and chased as well, taken by the universal maxim amongst them: “those who chase or bite are always right – regarding the matter of the chase, or, at least, regarding the legs of the chased. Have you noticed? Observe and you will see.”

He didn’t remember the rest, and, besides, Tobias’s idea seemed to be unintelligible or, at least, obscure. The dogs had stopped barking. Only the rain continued. Bonifácio walked around, came back, went back and forth, feeling himself ridiculous. What time could it be? He couldn’t calculate time using the sun. He knew it was Monday, a day

when he normally had dinner with a coffee commissioner on Rua dos Beneditinos. He thought about this. He thought about the meeting with the counselor whom he had met in Petrópolis. He thought about Petrópolis, about the whist. He was luckier at whist than he was at voltarete, and still now he remembered all the circumstances of a certain hand in which he made an excuse, with four trumps, king, manilla, ace of clubs, queen... And he reproduced everything, his cards with the other partners’ cards, the bought cards, the order and the composition of the hands.

This was the way in which the memories from the outside world, people and things, huddled reverberating around him, talking, laughing, keeping him company. Bonifácio pieced together his whole exterior life, characters and incidents, someone’s courtship, somebody else’s business, amusements, fights, anecdotes, a conversation, a plot, a rumor. He got tired and tried to read something. In the beginning, his spirit jumped out of the page, looking for any news, a wedding plan. He soon fell into a stubborn sleepiness. He would get up, read five or six lines, and sleep again. At last, he got up, left the book and went to the window to look at the rain, which was the same, neither stopping nor intensifying nor letting up, always the same curtain of water falling from a sky full of heavy and eternal clouds.

His dinner was bad, and, to comfort himself, he drank a lot of burgundy. In the evening, after smoking his second cigar, he remembered the cards. He took them, shuffled them, and sat down to play solitaire. It was a resource for escaping the memories that afflicted him if they were bad or that pushed him to the outside world if they were good. He slept listening to the rain, and had a nightmare. He dreamt he ascended to the presence of God and heard His resolution to make it rain for all the centuries that were left in the world.

“How many centuries more?” he asked.

“The human mind is inferior to the

pedaços de barbante, de lacre, penas, contas antigas, etc. Releu os bilhetes e as notas. Algumas destas falavam de coisas e pessoas dispersas ou extintas: "Lembrar ao cabeleireiro para ir à casa de D. Amélia". "Comprar um cavalinho de pau para o filho do Vasconcelos". "Cumprimentar o Ministro da Marinha". "Não esquecer de copiar as charadas que D. Antônia me pediu". "Ver o número da casa dos suspensórios". "Pedir ao secretário da Câmara um bilhete de tribuna para o dia da interpelação". E assim outras algumas tão concisas, que ele mesmo não chegava a entender, como estas, por exemplo: "Soares, prendas, a cavalo". "Ouro e pé de mesa".

No fundo da gaveta, deu com uma caixinha de tartaruga, e dentro um molhozinho de cabelos, e este papel: "Cortados ontem, 5 de novembro, de manhã". Bonifácio estremeceu...

— Carlota! exclamou.

Compreende-se a comoção. As outras notas eram pedaços da vida social. Solteiro, e sem parentes, Bonifácio fez da sociedade uma família. Contava numerosas relações, e não poucas íntimas. Vivia da convivência, era o elemento obrigado de todas as funções, parceiro infalível, confidente discreto e cordial servidor, principalmente de senhoras. Nas confidências, como era pacífico e sem opinião, adotava os sentimentos de cada um, e tratava sinceramente de combiná-los, de restaurar os edifícios que, ou o tempo, ou as tempestades da vida, iam gastando. Foi uma dessas confidências, que o levou ao amor expresso naquele molhozinho de cabelos, cortados ontem, 5 de novembro; e esse amor foi a grande data memorável da vida dele.

— Carlota! repetiu ainda.

Reclinado na cadeira, contemplava os cabelos, como se fossem a própria pessoa; releu o bilhete, depois fechou os olhos, para recordar melhor. Pode-se dizer que ficou um pouco triste, mas de

uma tristeza que a fatuidade tingia de alguns tons alegres. Reviveu o amor e a carruagem, a carruagem dela, os ombros soberbos e as joias magníficas, os dedos e os anéis, a ternura da amada e a admiração pública...

— Carlota!

Nem almoçando, perdeu a preocupação. E, contudo, o almoço era o melhor que se podia desejar em tais circunstâncias, mormente se contarmos o excelente Borgonha que o acompanhou, presente de um diplomata; mas nem assim.

Fenômeno interessante: almoçado, e acendendo um charuto, Bonifácio pensou na boa fortuna, que seria, se ela lhe aparecesse, ainda agora, a despeito dos quarenta e quatro anos. Podia ser; morava para os lados da Tijuca. Uma vez que isto lhe pareceu possível, Bonifácio abriu as janelas todas da frente e desceu à chácara, para ir até à cerca que dava para a outra rua. Tinha esse gênero de imaginação que a esperança dá a todos os homens; figurou na cabeça a passagem de Carlota, a entrada, o assombro e o reconhecimento. Supôs até que lhe ouvia a voz; mas era o que lhe acontecia desde manhã, a respeito de outras. De quando em quando, chegavam-lhe ao ouvido uns retalhos de frases:

— Mas, Sr. Bonifácio...

— Jogue; a vaza é minha...

— Jantou com o desembargador?

Eram ecos da memória. A voz da dona dos cabelos era também um eco. A diferença é que esta lhe pareceu mais perto, e ele cuidou que, realmente, ia ver a pessoa. Chegou a crer que o fato extraordinário da reclusão se prendesse ao encontro com a dama, único modo de a explicar. Como? Segredo do destino. Pela cerca, espiou disfarçadamente para a rua, como se quisesse embaçar a si mesmo, e não viu nem ouviu nada mais que uns cinco ou seis cães que perseguiram a outro, latindo em coro. Começou a chuveisar; apertando a chuva, correu a meter-se em casa; entrando, ouviu distintamente dizer:

— Meu bem!

Estremeceu; mas era ilusão.

Chegou à janela, para ver a chuva, e lembrou-se que um de seus prazeres, em tais ocasiões, era estar à porta do Bernardo ou do Farani, vendo passar a gente, uns para baixo, outros para cima, numa contradança de guarda-chuvas... A impressão do silêncio, principalmente, afligia mais que a da solidão. Ouvia alguns pios de passarinho, cigarras, às vezes um rodar de carro, ao longe, alguma voz humana, ralhos, cantigas, uma risada, tudo fraco, vago e remoto, e como que destinado só a agravar o silêncio. Quis ler e não pôde; foi reler as cartas e examinar as contas velhas. Estava impaciente, zangado, nervoso. A chuva, posto que não forte, prometia durar muitas horas, e talvez dias. Outra cainçada aos fundos, e desta vez trouxe-lhe à memória um dito do velho Tobias. Estava em casa dele, ambos à janela, e viram passar na rua um cão, fugindo de dois, que ladravam; outros cães, porém, saindo das lojas e das esquinas, entravam a ladrar também, com igual ardor e raiva, e todos corriam atrás do perseguido. Entre eles ia o do próprio Tobias, um que o dono supunha ser descendente de algum cão feudal, companheiro das antigas castelãs. Bonifácio riu-se, e perguntou-lhe se um animal tão nobre era para andar nos tumultos de rua.

— Você fala assim, respondeu Tobias, porque não conhece a máxima social dos cães. Viu que nenhum deles perguntou aos outros o que é que o perseguido tinha feito; todos entraram no coro e perseguiram também, levados desta máxima universal entre eles: quem persegue ou morde, tem sempre razão, ou, em relação à matéria da perseguição, ou, quando menos, em relação às pernas do perseguido. Já reparou? Repare e verá.

Não se lembrava do resto, e, aliás, a ideia do Tobias pareceu-lhe ininteligível, ou, quando menos, obscura. Os cães tinham cessado de latir. Só continuava a chuva.

Bonifácio andou, voltou, foi de um lado para outro, começava a achar-se ridículo. Que horas seriam? Não lhe restava o recurso de calcular o tempo pelo sol. Sabia que era segunda-feira, dia em que costumava jantar na Rua dos Beneditinos, com um comissário de café. Pensou nisso; pensou na reunião do conselheiro***, que conhecera em Petrópolis; pensou em Petrópolis, no whist; era mais feliz no whist que ao voltarete, e ainda agora recordava todas as circunstâncias de uma certa mão, em que ele pedira licença, com quatro trunfos, rei, manilha, basto, dama... E reproduzia tudo, as cartas dele com as de cada um dos parceiros, as cartas compradas, a ordem e a composição das vazas.

Era assim que as lembranças de fora, coisas e pessoas, vinham de tropel agitando-se em volta dele, falando, rindo, fazendo-lhe companhia. Bonifácio recompunha toda a vida exterior, figuras e incidentes, namoros de um, negócios de outro, diversões, brigas, anedotas, uma conversação, um enredo, um boato. Cansou, e tentou ler; a princípio, o espírito saltava fora da página, atrás de uma notícia qualquer, um projeto de casamento; depois caiu numa sonolência teimosa. Espertava, lia cinco ou seis linhas, e dormia. Afinal, levantou-se, deixou o livro e chegou à janela para ver a chuva, que era a mesma, sem parar nem crescer, nem diminuir, sempre a mesma cortina d'água despenhando-se de um céu amontoado de nuvens grossas e eternas.

Jantou mal, e, para consolar-se, bebeu muito Borgonha. De noite, fumado o segundo charuto, lembrou-se das cartas, foi a elas, baralhou-as e sentou-se a jogar a paciência. Era um recurso: pôde assim escapar às recordações que o afligiam, se eram más, ou que o empuxavam para fora, se eram boas. Dormiu ao som da chuva, e teve um pesadelo. Sonhou que subia à presença de Deus, e que lhe ouvia a resolução de fazer chover, por todos

divine mathematics,” answered the Lord, “but I can give you a vague and remote idea: multiply the stars by all the grains of sand in the sea, and you will have a particle of the centuries...”

“Where will all this water go, Lord?”

“Rain will come not only in the form of water, but also in the form of burgundy and the hair of a beautiful woman...”

Bonifácio appreciated this favor. Looking to the sky, he saw that it was effectively raining a lot of hair and a lot of wine, besides the water, which accumulated at the bottom of an abyss. He leaned forward and found down below the delicious Carlota, fighting against the water and the typhoons. He wanted to go down to save her. He raised his eyes and met the eyes of the Lord. Instead of seeing Him, he saw Tobias looking over his glasses with a fine and sardonic smile, his hands in his pockets. Bonifácio screamed and woke up.

In the morning, when he got up, he saw that it continued raining. No newspapers: it seemed he had been away from town for a century. One

of his friends could have died, or the ministry could have been fallen, and he knew nothing about it. Lunch was even worse than the dinner of the previous night. The rain continued, rustling the trees, no more, no less. No wind. Any breeze moving the leaves would break the uniformity of the rain, but everything was so silent and calm. Only the rain fell with no interruption and no alteration, in a way that, after some time, itself gave a feeling of immobility, and, I suppose, of silence.

The hours were becoming endless. There were not even hours. Time was passing without the traditional divisions of the clock, like a book without chapters. Bonifácio still resisted, smoking and playing. He even remembered to write some letters, but was able to finish only one. He couldn't read, couldn't stay put. He kept going back and forth, sleepy, tired, rambling an opera excerpt: *Di quella pira... Or: In mi mano alfin tu sei...* He planned other projects in the house. He was agitated and unable to finish anything. Loneliness, like the walls of a mysterious prison, was

squeezing him, and it wouldn't take long to crush him. Self-esteem didn't stop him anymore. He split into two different men, one saying to the other that his attitudes were nonsense.

It was three o'clock in the afternoon when he decided to leave his refuge. Such happiness when he arrived at Rua do Ouvidor! This happiness was so unusual that some people were suspicious. But he didn't tell anybody the truth, and he described Iguaçu as well as he could.

On the following day he went to Tobias's house, but he couldn't talk to him as the philosopher was reclusive. The strange man appeared only two weeks later, when Bonifácio was going to take the ferryboat to Niterói. His long, large, brown frock coat helped Bonifácio recognize him. He spoke to Tobias on the ferryboat:

“You, sir, you played a joke on me...”

“Me?” Tobias asked, sitting down by his side.

“It was not intentional, that's the truth, but I feel I was tricked.”

He told Tobias everything. He confessed to him that, being a little

tired of his friends, he had the idea of isolating himself for a few days but could hardly go beyond two, with difficulty. Tobias listened to him in silence, paying attention. Then he questioned him thoroughly, asked him to describe all the feelings, even the most intimate ones, which Bonifácio didn't deny, even the one he experienced when he found the tuft of hair in the drawer. In the end, looking over his glasses, like in the nightmare, he said with a diabolic smile:

“Do you want to know? You forgot to take the foremost victuals: precisely the ideas...”

The commentary was very funny to Bonifácio, who laughed. Tobias, laughing as well, flicked Bonifácio's forehead. Then, he asked him for news, and the other gave him lots, big and small, facts and rumors, this and that, and the old Tobias listened with his eyes half closed, thinking about something else.

Original publication: *Gazeta de Notícias* (Rio de Janeiro, 06/01/1885), ano XI, n. 6, p. 1-2.

Crônica de uma tradução (não) anunciada

Traduzir Machado de Assis é empreitada de grande relevância para a internacionalização da literatura brasileira, processo este que vem ganhando força nos últimos anos graças às iniciativas de tradutores financiados pelo Programa Nacional de Apoio à Tradução da Fundação Biblioteca Nacional, responsável pela última empreitada da contística machadiana direcionada ao mundo anglófono e intitulada *Miss Dollar: stories by Machado de Assis*, sobre a qual venho discorrer aqui.

A ideia de traduzir os contos do Bruxo para a língua inglesa surgiu por ocasião de minha participação em um congresso em Atenas, na Grécia, no ano de 2015. Era grande, na época, a minha empolgação para apresentar, em um país tão distante e exótico,

uma comunicação de 15 minutos a respeito de um dos contos do maior escritor brasileiro. Ao finalizar a minha fala, no entanto, deparei-me com um público que desconhecia o conto que eu analisara, mas que felizmente apontou-me as razões para tal desconhecimento: a falta de traduções. Eu já havia lido a coletânea *Ex Cathedra: Stories by Machado de Assis*, publicada em 2014 nos Estados Unidos e Inglaterra pela editora New London Librarium. Entrei em contato com o dono, um americano chamado Glenn Cheney, apreciador da cultura, da história e da literatura brasileiras que já havia publicado alguns livros sobre o Brasil, incluindo *Quilombo dos Palmares: Brazil's Lost Nation of Fugitive Slaves*, e *Journey on the Estrada Real: Encounters in the Mountains of Brazil*. Em conversa com

ele, delineamos o próximo projeto da New London sobre Machado de Assis: uma coletânea com oito traduções inéditas de contos pertencentes à primeira fase da obra machadiana, na qual predominava o uso de estratégias literárias e representações caras ao Romantismo, e que eram publicadas no *Jornal das Famílias*, lido pela elite fluminense da época. Movida pela ânsia cabalística de ver a antologia com dez contos, resolvi propor a tradução dos contos “Sól!” e “Três consequências”, que eu havia analisado no congresso de Atenas. Estas escolhas pareciam um tanto subjetivas, mas eram corroboradas pela ausência de traduções e pela descoberta de que os contos nunca haviam sido reunidos em coletânea, o que me empolgou ainda mais.

Juntou-se ao nosso time Ana Lessa-

Schmidt, tradutora já experiente que havia publicado, também pela New London, *As religiões do Rio*, tradução da obra de João do Rio para o inglês. Eu e Ana decidimos, na edição de *Miss Dollar*, trabalhar com os originais que constam nos arquivos da Hemeroteca Digital Brasileira, uma vez que existem divergências entre estes originais e as edições que circulam nos dias de hoje. Descobrimos, aliás, que tais edições são um tanto quanto tendenciosas devido aos cortes de parágrafos inteiros, que ocorrem, por exemplo, em “O relógio de ouro” e “A parasita azul”, nos quais foram respectivamente modificados e extraídos trechos fundamentais para a compreensão das problemáticas levantadas em ambos os contos, o que pode ter levado a leituras distorcidas e equivocadas da obra do Bruxo. Não

os séculos restantes do mundo.

— Quantos mais? perguntou ele.

— A cabeça humana é inferior às matemáticas divinas, respondeu o Senhor; mas posso dar-te uma ideia remota e vaga: multiplica as estrelas do céu por todos os grãos de areia do mar, e terás uma partícula dos séculos...

— Onde irá tanta água, Senhor?

— Não choverá só água, mas também Borgonha e cabelos de mulheres bonitas...

Bonifácio agradeceu este favor.

Olhando para o ar, viu que efetivamente chovia muito cabelo e muito vinho, além da água, que se acumulava no fundo de um abismo. Inclinou-se e descobriu embaixo, lutando com a água e os tufões, a deliciosa Carlota; e querendo descer para salvá-la, levantou os olhos e fitou o Senhor. Já o não viu então, mas somente a figura do Tobias, olhando por cima dos óculos, com um fino sorriso sardônico e as mãos nas algibeiras. Bonifácio soltou um grito e acordou.

De manhã, ao levantar-se, viu que continuava a chover. Nada de jornais: parecia-lhe já um século que estava

separado da cidade. Podia ter-lhe morrido algum amigo, ter caído o ministério, ele não sabia de nada. O almoço foi ainda pior que o jantar da véspera. A chuva continuava, farfalhando nas árvores, nem mais nem menos. Vento nenhum. Qualquer bafagem, movendo as folhas, quebraria um pouco a uniformidade da chuva; mas tudo estava calado e quieto, só a chuva caía sem interrupção nem alteração, de maneira que, ao cabo de algum tempo, dava ela própria a sensação da imobilidade, e não sei até se a do silêncio.

As horas eram cada vez mais intermináveis. Nem havia horas; o tempo ia sem as divisões que lhe dá o relógio, como um livro sem capítulos. Bonifácio lutou ainda, fumando e jogando; lembrou-se até de escrever algumas cartas, mas apenas pôde acabar uma. Não podia ler, não podia estar, ia de um lado para outro, sonolento, cansado, resmungando um trecho de ópera: *Di quella pira...* Ou então: *In mia mano alfin tu sei...* Planeava outras obras na casa, agitava-se e não

dominava nada. A solidão, como paredes de um cárcere misterioso, ia-se-lhe apertando em derredor, e não tardaria a esmagá-lo. Já o amor-próprio o não retinha; ele desdobrava-se em dois homens, um dos quais provava ao outro que estava fazendo uma tolice.

Eram três horas da tarde, quando ele resolveu deixar o refúgio. Que alegria, quando chegou à Rua do Ouvidor! Era tão insólita que fez desconfiar algumas pessoas; ele, porém, não contou nada a ninguém, e explicou Iguaçu como pôde.

No dia seguinte foi à casa do Tobias, mas não lhe pôde falar; achou-o justamente recluso. Só duas semanas depois, indo a entrar na barca de Niterói, viu adiante de si a grande estatura do esquisitão, e reconheceu-o pela sobrecasaca cor de rapé, comprida e larga. Na barca, falou-lhe:

— O senhor pregou-me um logro...

— Eu? perguntou Tobias, sentando-se ao lado dele.

— Sem querer, é verdade, mas sempre fiquei logrado.

Contou-lhe tudo; confessou-lhe que, por estar um pouco fatigado dos amigos, tivera a ideia de recolher-se por alguns dias, mas não conseguiu ir além de dois, e, ainda assim, com dificuldade. Tobias ouviu-o calado, com muita atenção; depois, interrogou-o minuciosamente, pediu-lhe todas as sensações, ainda as mais íntimas, e o outro não lhe negou nenhuma, nem as que teve com os cabelos achados na gaveta. No fim, olhando por cima dos óculos, tal qual como no pesadelo, disse-lhe com um sorriso copiado do diabo:

— Quer saber? Você esqueceu-se de levar o principal da matalotagem, que são justamente as ideias...

Bonifácio achou-lhe graça, e riu. Tobias, rindo também, deu-lhe um piparote na testa. Em seguida, pediu-lhe notícias, e o outro deu-lhes de várias espécies, grandes e pequenas, fatos e boatos, isto e aquilo, que o velho Tobias ouviu, com olhos meio cerrados, pensando em outra coisa.

Publicado na *Gazeta de Notícias* (Rio de Janeiro, 06/01/1885), ano XI, n. 6, p. 1-2.

quero acreditar que o próprio Machado tenha mutilado suas narrativas visando uma maior aceitação editorial, ou que havia um conluio entre editores para sabotar os textos do Bruxo. O que nos interessava era o resgate do texto machadiano tal qual foi escrito na época, a fim de levar ao leitor estrangeiro a real essência da obra machadiana, e não uma tradução baseada em edições nas quais tal essência, acreditamos, não foi preservada.

Não vou enumerar todos os percalços de se traduzir Machado de Assis, nem dar detalhes do complexo processo editorial, o que seria tema para outro artigo. Creio que a maior relevância da coletânea reside na ousadia de se resgatar um Machado em construção, realizando um verdadeiro panorama da sociedade brasileira do século XIX,

com informações em notas de fins de texto acerca de fatos desconhecidos pelo próprio leitor brasileiro, conforme apontado em resenha sobre o livro, de autoria de Cynthia Costa e Luana Ferreira de Freitas, publicada na revista Machado de Assis em linha. O esforço de se internacionalizar Machado rompe com parâmetros muito arraigados de leitura que circunscrevem esta obra a uma dimensão identificada com o nacional, daí nossa preocupação não só em fazer as notas, mas em preservar a atmosfera do texto machadiano. Acreditamos ter conseguido tal propósito, tendo em vista a excelente recepção de *Miss Dollar* nos Estados Unidos, Inglaterra e também no Brasil, o que motivou a escrita da já citada resenha e que pôde ser verificada por mim mesma quando de minha

participação em um congresso na universidade de Stanford em out./2016.

Esperamos que *Miss Dollar: stories by Machado de Assis* contribua não somente para o reconhecimento da literatura brasileira no mundo anglófono, mas também estimule outros profissionais a traduzirem obras relevantes para a nossa literatura. A New London Librarium se mostra bastante engajada em tal empreitada, tendo em vista a publicação recente de *Vertiginous Life*, de João do Rio, traduzido por Ana Lessa-Schmidt, e *The Best Chronicles of Rubem Alves*, traduzido por Glenn Cheney. A jornada machadiana, por sua vez, terá continuidade com um projeto do qual faço parte, no qual pretendemos traduzir as crônicas da série *Bons dias!*, ainda não vertidas para o inglês. O mundo anglófono agradece.

Le coucou

Robert Desnos

Voici venir le mois d'avril,
Ne te découvre pas d'un fil.
Écoute chanter le coucou !

Voici venir le mois de juin,
C'est du bon temps pour les Bédouins,
J'écoute chanter le coucou.

Voici venir la Saint-Martin,
Adieu misère, adieu chagrin,
Je n'écoute plus le coucou.

Nascido a 4 de julho de 1900, Robert Desnos foi, segundo Aldo Pellegrini, "uno de los poetas más dotados del surrealismo". O poema "Le Coucou" – cuja tradução aqui apresentada integra um projeto de mestrado em andamento – se encontra em sua derradeira obra *Chantefables & Chantefleurs*, concluída em 1944, pouco antes do poeta de ser capturado pela Gestapo e seguir para o campo de concentração de Terezín, na Tchecoslováquia, onde viria a morrer em 1945, três dias após sua libertação.

O chupim

Trad. Natan Schäfer

Veja que vem o mês de abril
Não se descubra nem um fio
Escute cantar o chupim.

Veja que maio então chegou
No trono beduíno sentou.
Escuto cantar o chupim.

Veja que vem a Prima Vera
Rasga aflição, rasga miséria.
Não se escuta mais o chupim

